

Apresentação

Indicada para organizar o dossiê sobre a temática “Cultura e Movimentos Sociais” deparei-me com uma tarefa não muito fácil. Afinal, estas são questões concernentes a duas das maiores vertentes da historiografia atual, de um lado a História Social que fez emergir como sujeitos os anônimos da História, de outro a História Cultural, campo dos mais instigantes pela multiplicidade de abordagens que tem possibilitado. Aliás, aspecto deveras interessante é a presença na História Cultural de enfoques que partem de premissas diversas, desde Foucault, cujas críticas acerca de determinados pressupostos da História Social influenciaram os historiadores franceses herdeiros da história das mentalidades, como Roger Chartier e Jacques Revel, até aqueles mais próximos do marxismo como Carlo Ginzburg ou E.P.Thompson. Aliás, na obra deste último, percebe-se um encontro entre a História Cultural e a História Social, já que Thompson, embora vinculado aos historiadores marxistas ingleses desta vertente, pode, igualmente, ser considerado pioneiro no que tange aos estudos sobre História Cultural.

A aproximação desses campos em Thompson pode ser apreendida, primeiramente, na sua crítica à metáfora base/superestrutura e em algumas de suas afirmações, dentre elas, a de que a classe social se constituía numa formação econômica e também cultural. Em segundo lugar, lembro que esse historiador marca, com clareza, essa sua perspectiva quando, diante da afirmação do historiador indiano R.S. Sharma de que: “sem produção não há história”, completará com a paráfrase: “sem cultura não há produção”. Igualmente, buscou demonstrar que os populares, através de determinadas atitudes e comportamentos, aparentemente insignificantes, revelavam formas de resistência às diferentes formas de dominação. Nesse sentido, valorizou a cultura popular e a aproximação com a antropologia, argumentando que a

atenção às normas, aos valores e aos rituais contribuiria para proporcionar um significativo aumento do conhecimento histórico. Sem deixar de recomendar aos historiadores uma série de cuidados nesse movimento de aproximação, no que afirmava apresentar uma posição análoga à de Natalie Zemon Davis e Keith Thomas. Como E.P. Thompson, também Robert Darnton e Carlo Ginzburg enfatizam a importância do diálogo história/antropologia.

A denominada História Social da Cultura ou História Sociocultural predomina nos artigos aqui apresentados, quer naqueles que enfatizam os movimentos sociais, quer nos que dizem respeito mais de perto à História Cultural, fornecendo-se assim uma mostra concreta da confluência entre História Social/História Cultural. Literatura, música popular e cinema são os objetos tratados nos artigos mais identificados com a História Cultural. O artigo de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, pesquisador do CECULT/UNICAMP, no melhor estilo da História Sociocultural, busca relacionar as primeiras manifestações literárias de Coelho Neto, em meados da década de 80 do século XIX, com o seu envolvimento na luta contra a escravidão. Por sua vez, José Geraldo Vince de Moraes, professor adjunto do Instituto de Artes da UNESP nos fornece um panorama da música popular em São Paulo nos anos 1930, em meio às transformações culturais e ao processo migratório ocorridos naquela cidade. A música sertaneja, fruto das trocas entre as tradições rurais caipiras e as contribuições italianas, os chorões e o universo do samba e do carnaval — predominante entre os negros — são as manifestações ressaltadas. Saliento o caráter pouco comum desse tipo de abordagem, inclusive porque tal aspecto é mais examinado no Rio de Janeiro, privilegiando-se, quanto a São Paulo, as manifestações literárias e as das artes plásticas. Finalmente, Sonia Cristina Lino, professora adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora, debruça-se sobre aspectos ligados às comédias musicais e à chanchada, discutindo a visão do humor como característica nacional e sua contribuição na formação de um público para o cinema no Brasil. Além da presença de Bakhtin nas discussões sobre o humor, neste artigo pode ser depreendida uma proximidade com as postulações de Roger Chartier, na ênfase dada pela autora à recepção do público para o sucesso alcançado por aquelas modalidades cinematográficas.

No que tange aos movimentos sociais, a contribuição de Luciano Raposo de Almeida Figueiredo, professor adjunto do Departamento de História da UFF, focaliza algumas das revoltas antifiscais ocorridas na América Portuguesa entre

a Restauração e a primeira metade do século XVIII, buscando desvendar os rituais desses movimentos como expressão da cultura política do Antigo Regime. Gladys Sabina Ribeiro, professora adjunta do mesmo Departamento, também, insere sua abordagem nesta linha. Em meio à análise de um documento, repleto de uma linguagem apocalíptica, expressando a intensidade dos conflitos sociais e étnicos no momento que antecedeu à abdicação de D. Pedro I, Ribeiro contrapõe-se à historiografia tradicional e a alguns dos historiadores atuais que minimizam a participação dos “homens de cor”, negros e mulatos, naquele acontecimento, documentando sua participação efetiva nessas lutas.

Desta forma, o dossiê pretendeu apresentar alguns dos caminhos hoje trilhados por historiadores dos movimentos sociais e da chamada “nova história cultural”. Inúmeras, porém, das abordagens do diverso e múltiplo campo da História Cultural, aqui não encontraram espaço, o que indica a necessidade de outros dossiês, abrangentes das demais vertentes....

*Rachel Soihet**

* Professora do Programa de Pós-Graduação em História da UFF e pesquisadora do CNPq.